

Cortina de fumaça diplomática pode custar vidas

Em meio a momento crítico, governo consegue desviar a atenção pública, mas põe em risco apoio fundamental contra vírus

- O Globo
- 20 Mar 2020
- ANDRÉ DUCHIADE andre.duchiade@oglobo.com.br (Colaborou Filipe Barini)



Remessa chinesa. Avião com milhares de kits de teste contra o coronavírus chegam a Bratislava, na Eslováquia: crise pode fazer com que Brasil perca ajuda

Não se sabe se por cálculo ou vocação natural, o governo federal, primeiro por meio do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), e, em seguida, pelo chanceler Ernesto Araújo, procedeu como em tantas vezes diante de um momento crítico: deflagrou uma crise desnecessária, que contraria interesses concretos e estratégicos do país, mas rouba as atenções e pauta o debate

público. Conforme o mundo se prepara para o maior esforço global desde a Segunda Guerra, os custos da antagonização com a China podem ser altos, e significar que o Brasil não terá apoio logístico crucial para evitar a perda devidas.

—Após dois dias seguidos de pane laços, quando fica evidente a inação do governo diante da crise de saúde e que a economia sofrerá enormemente, este ataque à China é um elemento de distração importante. Ele tem uma função instrumental de gerar fumaça para que não se possa enxergar outros incêndios — afirmou Carlos Milani, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). — A China não vai esquecer este escândalo diplomático quando o Brasil pedir ajuda, e o Brasil vai precisar de ajuda. A contundência da reação chinesa mostra a importância que Pequim confere ao tema do novo coronavírus, dizem pesquisadores. Após ter controlado internamente a epidemia — por meio, é certo, de medidas só exequíveis em um Estado autoritário — a China assumiu uma postura ofensiva, e envia grandes remessas de kits de teste, máscaras, respiradores e outros insumos para outros países, como objetivo de afirmar sua superpotência da saúde global. A rivalidade nada faz exceto atrapalhar o lugar do Brasil na fila da ajuda.

—Precisamos de tecnologia para lidar com o novo coronavírus. Tudo o que os chineses usaram para o controle interno ficará ocioso. Irão preferir enviar este material para a Itália ou para a Argentina, nos preterindo. Quem perde nessa história somos nós — afirmou Leonardo Ramos, especialista em China da PUC-Minas.

O comportamento de Eduardo, apontam os professores, imita o de Donald Trump, que procura associar a pandemia a Pequim, e chama a Covid-19 de “o vírus chinês”. Em termos geopolíticos, os EUA buscam usar o Brasil para conter a expansão chinesa, agenda em-dossada por Araújo. Ao contrário dos EUA, no entanto, o Brasil é mais fraco que a China — o país é o maior comprador comercial do Brasil, que teve superávit de US\$ 30 bilhões com Pequim em 2019.

—Ao contrário dos EUA, somos a parte fracada corda em termos econômicos e políticos e podemos agravar a crise no país, aprofundando a recessão a caminho — afirmou Guilherme Casarões, da FGV-SP.

Em meio ao incêndio, atores mais ponderados como o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), o setor agropecuário e até o vice-presidente Hamilton Mourão procuraram dissociar o filho do presidente do Estado brasileiro e pôr panos quentes. Uma exceção foi o chanceler Araújo, que, segundo Letícia Pinheiro, professora do IESP/UERJ, preferiu a lógica de que “a melhor defesa é o ataque”.

OFENSIVA DE ARAÚJO

Embora tenha dito que a declaração de Eduardo “não reflete a posição do governo brasileiro”, Araújo deu maior destaque ao fato de que a embaixada chinesa endossou “postagem ofensiva ao Estado do Brasil”. Isto de fato aconteceu, mas, ao enfatizar o fato, em vez de, por exemplo, buscar uma negociação nos bastidores antes de se exprimir, acirrou os ânimos e criou uma nova cortina de fumaça.

—A nota de Araújo foi muito hábil, porque tentou inverter a responsabilidade. Ao dizer que Eduardo não representa o governo e que o embaixador taca o presidente, ele imputa responsabilidade ao outro, e, simultaneamente, tenta encobrir o que todos sabem, que Eduardo é um porta-voz não oficial da

Presidência — disse Pinheiro. — O Brasil se consolida cada vez mais como um fantoche em uma disputa entre China e EUA, sem nenhuma autonomia.